

Agressões ao meio ambiente matam afluente do Jucu

A13968

Roberly Pereira

O rio Braço do Sul, integrante da bacia hidrográfica do rio Jucu que abastece a Grande Vitória, está morrendo e o processo de degradação iniciado há pouco mais de 20 anos aparentemente é inexorável, pois inexistem providências efetivas para salvar o manancial. Suas águas contaminadas e o assoreamento de seu leito já afetaram a sua fauna e os peixes desapareceram. Sua profundidade, que há 20 anos atingia em vários trechos até cinco metros, hoje não chega a 50 centímetros e em alguns locais o leito está

“O rio já matou a fome de muita gente”, diz Policarpo Puppín, um ferreiro aposentado de 83 anos de idade e antigo morador em Marechal Floriano, que também tinha como uma segunda ocupação a profissão de pescador nas águas do então caudaloso, profundo e piscoso rio Braço do Sul. “Apenas com um lance de rede conseguíamos peixes suficientes para alimentar uma família por mais de um dia”, conta ainda Policarpo, para quem a degradação, o comprometimento do leito pelo assoreamento e a redução sensível da vazão do manancial “não passam de um crime”.

Claro que a revolta do antigo pescador não é demonstrada através de argumentos técnicos. Ele não entende de ecologia na forma acadêmica dos volumosos e escorregiosos tratados ambientalistas que dão à defesa dos recursos naturais estrutura de uma ciência. Mas, sabe perfeitamente que a natureza que gerou o homem está sendo por ele destruída. “Simplesmente estão matando um rio que durante muito tempo foi uma das principais fontes de alimento da população”, comenta Policarpo.

Hoje, Policarpo não pesca mais, mas gosta de passear por alguns trechos do rio, lembrando-se de detalhes do cenário exuberante que ele conheceu até a década de 70. De vez em quando, percorre alguns quilômetros rio acima, em busca de escassas regiões piscosas. “Às vezes, a gente consegue pegar algum peixinho, mas só isso. Samburá cheio, mesmo, tem mais de 10 anos que ninguém consegue”, conta o velho pescador.

tomado por bancos de areia cheios de detritos. De largo e vigoroso manancial de águas límpidas, o Braço do Sul atualmente não passa de um esqualido riacho fétido e agonizante. Sem fazer nada, a comunidade de Marechal Floriano, em Domingos Martins, assiste impotente à decadência do rio que há alguns anos era uma de suas principais fontes de alimento. “Tinha dia que a gente só dava um lance de rede e pegava peixes suficientes para dar de comer a uma família por até dois dias”, conta o velho pescador Policarpo Puppín, de 82 anos, hoje aposentado tanto pela idade quanto pela morte do Braço do Sul.

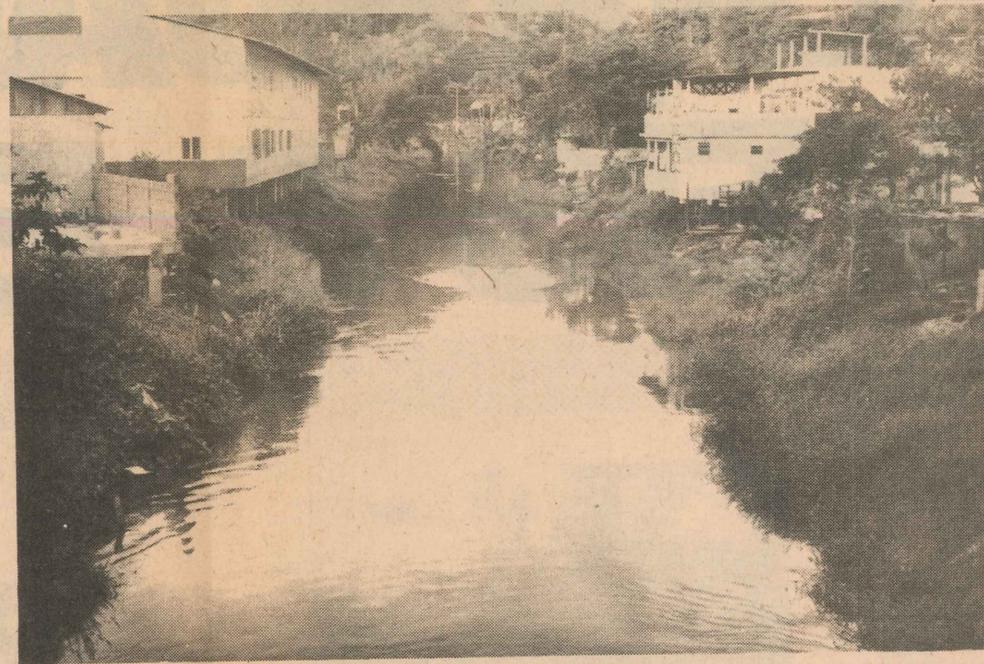
Se a fauna desapareceu com a contaminação das águas e por ter sido também dizimada pela pesca predatória, igualmente o leito do rio Braço do Sul já não apresenta o mesmo vigor de 20 anos atrás, quando sua profundidade atingia cinco metros. Atualmente, as grandes profundidades não atingem 50 centímetros. “Lembre-me que se realizavam competições de natação e saltos ornamentais bastante concorridas em vários trechos do rio”, conta outro antigo morador de Marechal Floriano, José Henrique Pereira Filho, de 67 anos de idade, que por ter sido exímio nadador ganhou o apelido de **Zé Piaba**.

“Ganhei várias competições, tanto de nado livre quanto de saltos, já que sempre me exercitava muito passando até horas percorrendo longos trechos do Braço do Sul nadando”, disse Zé Piaba que hoje, igualmente, se revolta com a decadência de um dos principais afluentes do rio Jucu. “Antigamente”, conta, “o rio serpenteava Marechal Floriano, tinha águas claras e profundas que a gente bebia tranquilamente sem correr risco de doenças”.

Mas o rio da infância e juventude de José Henrique Pereira Filho não existe mais. “Não há sequer um mínimo vestígio do velho Braço do Sul”, lamenta. Na verdade, o manancial é mais um dos vários que o Estado já perdeu por causa da depredação do meio ambiente nas suas inumeráveis formas.

Determinantes

O processo de degradação do rio Braço do Sul começa com a própria expansão urbana do



Fotos de Roberly Pereira

O rio Braço do Sul hoje é apenas um esqualido riacho decadente de águas poluídas

distrito de Marechal Floriano, mas é influenciado grandemente por fatores que também se tornam determinantes com o passar dos anos. Em princípio, pode-se dar como uma das causas da decadência do rio a própria tradição econômica da região desvinculada de preocupações ambientais.

Essa falta de preocupação fica bem evidente nas formas de exploração agrícola através do uso intensivo de agrotóxicos e pesticidas. “Os exemplos são vários”, diz o presidente do Grupo Ecológico Martinense (Gema), Adnिल्s Machado, enumerando ainda: redução das matas ao limite mínimo da parcela inadequada a outros usos agropecuários; distorções alocativas entre usos potencial e efetivo dos solos; distorções tecnológicas em relação à topografia dominante; comprometimento dos mananciais tanto por efluentes domésticos e industriais como por agrotóxicos e pesticidas, assoreamento e erosão.

“O Gema já chamou a atenção da Secretaria de Estado para Assuntos do Meio Ambiente (Seama) para as indústrias que estão sendo instaladas em Marechal Floriano sem prévia fiscalização e avaliação do impacto ambiental”, co-

mentou Adnिल्s, segundo quem tem que haver mais articulação de políticas públicas em relação à ocupação de espaços ecologicamente frágeis e pouco recomendáveis.

O rio Braço do Sul foi uma vítima da inexistência de uma política agressiva de proteção ambiental. Em menos de 20 anos, o aspecto do manancial é o mesmo de um esgoto. “Com o desenvolvimento do distrito, teria que haver um sistema de esgotos que não agredisse o manancial, onde hoje é despejado grande volume de detritos residenciais”, comentou o ecólogo.

“Na verdade, necessitamos com urgência de um planejamento urbano, com responsabilidade na coleta de lixo, captação de esgotos e imediato reflorestamento para tentar reverter o já avançado processo de assoreamento do rio Braço do Sul”, completa o presidente do Grupo Ecológico Martinense, denunciando que até mesmo a distância entre o rio e as edificações, que tem que ser de 15 metros, foi desobedecida. “Contra este abuso nem mesmo o DNOS fez alguma coisa”, termina.

Zé Piaba olha para as águas sujas e escuras do Braço do Sul e em seu semblante a revolta

estampa-se, fundindo-se com o ar nostálgico que ele não consegue dominar. Da ponte, o velho nadador tem uma visão ampla do rio que mesmo para além de Marechal Floriano, subindo mais ainda a montanha, dá evidentes mostras de sua inexorável decadência. “E o pior”, diz **Zé Piaba**, “nada está sendo feito para salvá-lo”.

É verdade. O processo de degradação do rio Braço do Sul salta aos olhos de todos, mas ninguém efetivamente toma uma atitude firme em defesa do manancial. Nem mesmo as chamadas autoridades competentes sensibilizam-se com o drama do velho Braço do Sul, que no mau cheiro que exala, na indolência de suas fracas corredeiras e na coloração escura de suas águas contaminadas parece tentar chamar a atenção sobre a sua agonia.

Se existe alguma iniciativa de defesa do rio, esta ainda não passou da intenção de alguns. “Precisamos realizar um trabalho sério, de dimensão de um Plano Diretor Urbano, para, se ainda houver tempo, salvar o Braço do Sul”, diz o vereador João Carlos Lorenzoni. Ele também condena as invasões da margem do manancial e garante que até já entrou em contato com o DNOS “diversas vezes” na tentativa de coibir os abusos.

“Na verdade, eu já estou cansado de denunciar o grave problema em que transformaram o rio, mas tudo tem sido em vão”, assegura o vereador, para quem a própria população de Marechal Floriano está sendo a principal prejudicada com a degradação do Braço do Sul. E ele tem toda a razão. Com a agonia do rio, os moradores do distrito são os primeiros alvos das consequências: o mau cheiro já chega a ser insuportável em algumas regiões; a invasão de moscas e mosquitos é incontornável e o próprio aspecto das águas contaminadas chega até a provocar enjoos. Isto sem contar os riscos para a saúde.

Zé Piaba aponta para uma parte mais assoreada do rio, onde a lâmina de água não chega a 10 centímetros e conta que ali o Braço do Sul já teve uma profundidade de cinco metros. “Eu gostava de mergulhar naquela área onde o rio faz uma pequena curva, continuando em direção ao Jucu”, lembra, para logo a seguir lamentar: “O que é difícil de entender é o fato de nós mesmos estarmos matando algo que foi o responsável pela nossa vida, aqui em Marechal Floriano, durante todos esses anos”.